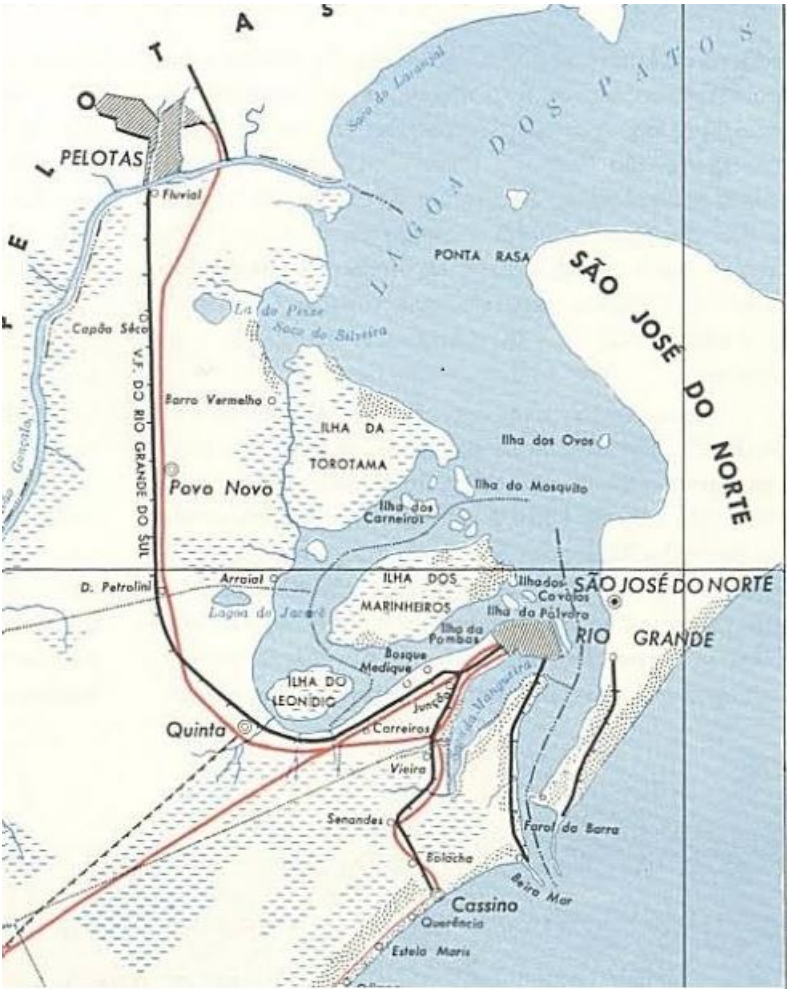
A BUSCA.


PELOTAS
Fluvial
LAGOA DOS PATOS
PONTA RASA
SÃO JOSÉ DO NORTE
Capão Séco
V.F. DO RIO GRANDE DO SUL
Barro Vermelho
ILHA DA TOROTAMA
Ilha dos Ovos
Povo Novo
Ilha do Mosquito
Ilha dos Carneiros
D. Petrolini
Arraial
ILHA DOS MARINHEIROS
Ilhados Cavalos
SÃO JOSÉ DO NORTE
Ilha da Pólvora
Ilha da Pombas
RIO GRANDE
Bosque Medique
ILHA DO LEONIDIO
Quinta
Carreiros
Vieira
Senandes
Farol da Barra
Balaïcha
Beira Mar
Cassino
Querência
Estela Maris

Zésouza.

A BUSCA

1ª Edição.

Pelotas
José Freitas de Souza.
2019.

A Busca.
Edição do autor.
Clube de Autores.
www.clubedeautores.com.br

ISBN: 978-85-455127-1-4

Povo Novo.

C, com certeza se escreve com C e certeza eu tinha que um C estava chegando para eu; ou o C de cadeia ou o C de cemitério.

O domingo dezoito de agosto de dois mil e dezenove amanheceu com o céu nublado, frio, o vento Minuano soprando e varrendo as ruas da cidade do Rio Grande no extremo sul do Brasil. Um ótimo dia para a minha companheira: a depressão.

Dos problemas que eu estava enfrentando a depressão era o que eu conseguia superar. Apesar da vontade de ficar dentro de casa, enrolado num poncho e tomando mate eu tinha um motivo para sair.

Dentro de casa eu andei, eu vacilei, e pensei e decidi: vou. Vesti uma bombacha, calcei as botas, uma camisa grossa, blusão de lã e a jaqueta de couro.

Dia do mocotó da família, ou o mocotó dos pongodó como dizia meu primo Altamirano.

Abri o portão da garagem e senti o vento gelado bater no rosto. Quatro graus centigrados a temperatura. Vontade de fechar o portão e voltar para dentro de casa. Vontade negada e decisão tomada.

A cidade do Rio Grande é uma península e tem apenas três saídas. A Estrada da Barra, faz uma longa volta e atravessa a área portuária e o distrito industrial, tem muito movimento de

caminhões. A Estrada dos Carreiros, tem algumas curvas, o calçamento ruim e passa por dentro de bairros com muito movimento de pedestres. A saída, dita principal, a Avenida Presidente Vargas. Eu saí pela Presidente Vargas e, embora fosse um domingo, o movimento de carros era muito e o trafego lento.

Do Rio Grande até a velha vila do Povo Novo são cinquenta quilômetros por uma rodovia federal e duplicada. No Povo Novo a velha chácara dos Terceiras; um terreno de mais ou menos dois hectares. A casa grande, estilo açoriano, coberta com telhas tipo português, na frente a porta larga com duas grandes janelas; uma de cada lado. Casa que eu conheço palmo a palmo. A porta da frente dá para um corredor ladeado por várias peças e termina numa grande peça que é a sala, depois da sala a cozinha e depois da cozinha o quarto dos banhos. A cozinha e a sala têm portas para o pátio.

Atrás da casa o galpão, onde já tinha movimento embora fossem sete horas da manhã. Os cozinheiros do mocotó. Fazer o mocotó é um ritual e mocotó não é comida de festa, mas comer mocotó é uma festa. Alguém gritou:

-Chegou o Imperador...

Devido ao meu nome; Júlio César, o primo Altamirano me apelidou de Imperador.

Sorridente a tia Tinhosa veio me receber dizendo:

-Bom dia. Que bom que tu vieste...

Rádio tocando música gaúcha. O grande fogão a lenha aquecendo o galpão. Em cima do fogão as panelas grandes. Comandando e fazendo as ações o tio Bira e a tia Maricota,

auxiliados por duas sobrinhas. A velha geração ensinando a nova geração. O mocotó dos Terceiras, dizia o primo Altamirano, é uma tradição milenar.

Dispensando o exagero do primo Altamirano, pode se dizer que o mocotó dos Terceiras é um costume bem antigo. Na parede da sala, entre os vários quadros com fotos da família, tem um quadro envidraçado e com uma bonita moldura onde está a fotocópia de um documento, amarelado pelo tempo, manuscrito a bico de pena com uma bonita letra. Documento que o Altamirano encontrou dentro de um baú que continha muitos papéis importantes. É um relato de um sacristão que:

Corre o ano da graça de mil oitocentos e setenta e chegando a esta vila do Povo Novo, no frio mês de agosto, vindos da cidade do Rio Grande. Eu o sacristão e acompanhando o senhor padre que aqui veio para fazer ofícios de rezar missa e batismos. Na igreja da Santa Padroeira, Nossa Senhora das Necessidades. Cá tivemos as boas-chegadas na casa do jovem casal. Ele o senhor Gaudêncio Jovelino Terceiras e ela dona Adelaidina. Convidados do casal vieram parentes e amigos para dar a nós as boas-vindas. Para o regalo da reunião foi servida suculenta sopa de mocotó com muitas carnes e feijões brancos. Na mesa fartura de pão torrado e vinho...

Esfregando as mãos, eu entrei no galpão e saudei aos presentes. Tio Tino estava sentado perto do fogão, tomando o mate e me convidou:

-Guri, senta aqui e vamos tomar uns mates...

-Guri! Tio eu já vou fazer sessenta anos.

-O quê?

-Sim, nasci em mil novecentos e sessenta...

-É, o teu pai era o mais velho dos irmãos, ele nasceu em mil novecentos e trinta e um...

O tio Bira pegou um limão, um copo e uma garrafa de cachaça, preparou um copo de caipirinha, tomou um gole, ofereceu para a tia Maricota que bebeu um gole e entregou o copo para tio Tino que bebeu o gole e reclamou:

-Tá com muito limão.

Tio Bira riu e nem ligou. Tio Tino era o "reclamão" da família, reclamava de tudo e de todos.

Eu tomei o gole de caipirinha e devolvi o copo para o tio Bira. Ele escondeu o copo atrás de fogão dizendo:

-Se a Tinhosa vê, aí já mete bronca.

Chegou um grupo de velhos e o tio Tino foi junto com eles para um canto do galpão para jogar o truco. Eu fui conversar com o tio Bira e ele me contou um causo do Povo Novo:

-A gente era tudo guri e a gente foi roubar melancias na horta do velho Anarolino e ele nos correu com tiros de sal...

Tio Bira, Ubirajara Índio do Brasil Terceiras, era o "espirituoso" da família, sempre rindo, contando causos e anedotas. Ele quando entrou para o colégio ficou três anos cursando o primeiro ano, mas lutou, batalhou e conseguiu ser expulso do colégio. Tinha dez anos de idade e foi trabalhar de ajudante numa oficina mecânica. Com a idade de quinze anos

ele já era dono de uma pequena oficina mecânica. Com dezoito anos foi do Povo Novo para o Rio Grande servir o exército. Serviu durante um ano e depois que deu baixa ficou em Rio Grande onde montou uma oficina para conserto de motores marítimos. Progrediu e trabalhou bastante prestando serviços a armadores e ao porto. Botou uma transportadora rodoviária e investiu em um pátio para a reforma e armazenagem de containers. Tio Bira é da ala rica da família, com oitenta e três anos ainda era um homem forte e trabalhava.

A manhã continuava gelada, o Minuano assobiando na esquina do galpão. Os convidados chegando; parentes, vizinhos, amigos e algum penetra. Saudações, apertos de mãos, abraços, tapas nas costas. O primeiro assunto era o frio. Um grupo aqui, um grupo lá. Tio Tino comandando um jogo de truco. Tio Bira e a tia Maricota pilotando as panelas. Os mais jovens de olho na tela do celular, ou jogando, ou enviando mensagens, ou bisbilhotando alguma rede social.

Esfregando as mãos, sai do galpão e fui caminhar na velha chácara. Ali onde eu passava as minhas férias. Ali sonhei e ali tive pesadelos. Ali fui rei, comandei exércitos, fui fazendeiro e criei gado de osso. Ali correram os meus trens de lata. Ali fui peão de estancia e montado num cavalo de pau apartei e boleei galinhas com boleadeiras feita com sabugos de milho.

Tia Tinhosa conservava a chácara sempre limpa e organizada. As árvores de frutas; limoeiros, laranjeiras, bergamoteiras, pessegueiros, pereiras, butiazeiros, goiabeiras e jabuticabeiras. A horta dos legumes e verduras; couve, mostarda, cebola, salsa, nabo, cenoura, beterraba, chicória e canteiros prontos para o plantio das culturas de primavera e

verão. A encerra das galinhas, cercada de tela. No fundo da chácara o capão de arvores nativas; maricás, corticeiras, araçás e as altas palmeiras os ditos coqueiros jerivás.

Andei na volta da casa e entrei na sala. Paredes cheias de quadros com fotografias da família. O quadro maior com a foto do meu bisavô, com o uniforme da Guarda Nacional o major Gaudêncio Jovelino Terceiras. Meu bisavô casou com uma índia dos rincões do Povo Novo e tiveram dezoito filhos; dez homens e oito mulheres. Dos homens, dois foram ser ferroviários e foram agentes em estações do interior do Rio Grande do Sul. Dois foram para o Rio de Janeiro, um oficial da marinha de guerra e o outro oficial da marinha mercante. Um foi ser padre; Padre José Leandro. Os filhos do meu bisavô todos tinham dois nomes, os homens todos tinham o primeiro nome José e as mulheres o primeiro nome era Maria. Dos dezoito irmãos o único que ficou no Povo Novo foi o meu avô José Laudares.

A fotografia de meu avô José Laudares e minha avó Jandyra e os doze filhos: oito mulheres e quatro homens. Meu avô na Revolução de Mil Novecentos e Vinte e Três, entre Chimangos e Maragatos, foi capitão na tropa maragata do distrito do Povo Novo, que era comandada pelo Coronel Plinio Monte. No ciclo da cebola que durou de mil e novecentos a mil novecentos e setenta, o meu avô foi um dos maiores produtores do distrito. No tempo da safra eram filas de carretas que passavam pelas ruas da vila rumo ao grande armazém da estação ferroviária, onde eram carregados os vagões com destino a estação da Barra Funda na capital do estado de São Paulo. Meu avô nasceu na vila do Povo Novo no dia primeiro